

Três mil pessoas no MAM, na manifestação de solidariedade

Cerca de três mil pessoas lotaram ontem à tarde o saguão do Museu de Arte Moderna, onde se realizou, a partir das 16h, uma manifestação pela recuperação do MAM e para "que ele ressurgira das cinzas renovado, física e espiritualmente, apto a corresponder ao que exigem as necessidades e aspirações do mundo atual", segundo manifesto elaborado pelo Comitê Permanente de Reconstrução e lido pela atriz Bibi Ferreira.

Já às 9h começaram a chegar os primeiros organizadores das atividades, entre as quais a apresentação de áudio-visuais com as obras de diversos artistas — como Torres-Garcia e Segall —, exibição de um filme sobre a inauguração do MAM, teatralização inspirada em "O Peixe", de Torres-Garcia, a leitura de dois manifestos e um "ritual antropofágico" em repúdio à comercialização da arte.

Os membros do Comitê Permanente para a Reconstrução do MAM, presidido por Mário Pedrosa, usaram, durante as atividades, uma bráideira com a seguinte inscrição, em letras vermelhas: "S.O.S. MAM — Comitê". Ao lado deles, permaneceram durante toda a tarde no Museu, emocionados, muitos artistas plásticos, escritores, atores de teatro e cinema e cineastas, entre os quais Antônio Callado, Alex Viary, Joel Barcelos, Nilson Condé, Juarez Machado, Ferreira Gullar, Ziraldo, Maria Pompeu e Bibi.

APLAUSOS

As 16h45m, sob os constantes aplausos do público, houve um desfile de cerca de cem faixas — com os nomes de diversas entidades e bairros que aderiram à manifestação — ao som do surdo tocado por integrantes da Escola de Samba Beija Flor, que abriu a passeata.

A seguir, um grupo de 21 jovens da Escola de Artes Visuais do Parque Lage surgiu com uma grande faixa na qual se lia a inscrição "Trabalho-Vida", cantando: "Terra, terra, terra..." Vicente Barcelo, membro do grupo, explicou a música, que tinha apenas essa palavra:

— A única forma de reagir à colonização da arte e da cultura, e de evitar sua fragmentação, é buscar as nossas raízes, voltar para a terra, que é a raiz.

Sempre cantando, o grupo colocou a faixa no chão e, em seu reverso, todos começaram a desenhar, com carvão e giz colorido — branco, vermelho e azul — o sol, relógios, bonecos e outras imagens.

ANTROPOFAGIA

Ao final da apresentação, realizou-se um ritual, o "banquete antropofágico", com um boneco gigante, confeccionado em bandagens e trazido por Rubens Gershmann e Lígia Pape. Segundo a definição de um dos participantes, o boneco personificava "a antiproposta da arte como coisa viva".

Ao corpo do boneco foram presos vários ganchos que serviam de apoio "a obras de arte tradicional" e em seu peito um "Coração de Cifrão", alegoria representativa da mercantilização da arte. Numa parte do ritual, "artistas deslumbrados, encantados, numa pose fotográfica para a posteridade (alusão ao vernissage)", colocaram-se ao lado do Boneco Coração de Cifrão, enquanto os artistas resistentes caem, somem, confundem-se nos subterrâneos do público", segundo explicava o roteiro.

O ritual terminou com o "Banquete da Arte Alimentar", e o "boneco-galeria-cultura-colonizada" foi destruído, tendo a cabeça e os membros arrancados. De dentro, saíram pão, ovos crus e cozidos e frutas, comidos em seguida pelos participantes.

O roteiro da teatralização dizia que, diante do "banquete antropofágico", "os arteiros e culturalistas das artes fazem gestos largos, dramalhão, diante de uma cena tão vandala, selvagem, subdesenvolvida, chorando como carpideiras diante do seu próprio cadáver".

Enquanto os alimentos eram consumidos, ouvia-se o som de atabaques, assobios, apitos, reco-reco, maracas, pandeiros, bumbos, flautas, caixa de fósforo, triângulos, coquinhos, faca e prato, batucada. O roteiro explicava: "Na apoteose, os artistas resistentes ressurgem deste subterrâneo revelado e, junto com o público, trazendo cada um seu fragmento, sua ruína, seu caco, seu pedaço, sua cultura".

'O PEIXE'

Em seguida, realizou-se um ritual homenageando Torres-Garcia, com a teatralização de um dos seus quadros, "O Peixe". Cada parte do espetáculo era alusiva a uma cultura das Américas — Aruaque, Maia, Asteca, Inca, Quimbaya, etc. Ao final foi lido um manifesto redigido há mais de 40 anos pelo artista uruguaio: "Que se pense, por exemplo, que se está no Novo Mundo. Que se pense que se vive no Século. Que toda a América há de levantar-se. Fora do natural, o original não tem sentido", diz um dos trechos lidos.

Segundo Zuenir Ventura, representante do setor de imprensa do Comitê, o objetivo da manifestação de ontem poderia ser explicado assim: "Primeiro, conscientizar o povo de que o Museu é do povo e, portanto, o povo deve participar do destino do Museu. Segundo, trazer esse mesmo povo ao local onde se deu a tragédia, para que esta se mantenha viva na memória de todos".

MANIFESTOS

Um manifesto de uma lauda — "Reconstrução com Reformulação" — da Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, lido pelo chargista Ziraldo, levou ao público a solidariedade da ABAPP, no esforço para a reconstrução do MAM.

— Estamos presenciando a destruição do nosso acervo arquitetônico, do nosso sistema ecológico, de comunidades e bairros inteiros: a destruição de valores naturais, materiais, humanos e culturais. Um incêndio é mais uma forma de destruição. Enquanto cidadãos, temos a responsabilidade de intervir diretamente contra esse processo de destruição deliberado. Enquanto artistas plásticos, temos a responsabilidade de exigir a reconstrução do MAM — dizia o documento.

Com alguma dificuldade — além de muito emocionada, foi diversas vezes interrompida pelos aplausos — Bibi Ferreira leu um documento de cinco laudas e meia do Comitê Permanente para a Reconstrução do MAM.

Dizia o manifesto: "Há quem agora se vire para o nosso Museu e pergunte, com o dedo acusadoramente no ar — de quem

é a culpa? Não é o momento de buscar a culpa, menos ainda a de circunstância, que só interessa aos que mais querem ajustar decepções, frustrações e rancores pessoais do que a enxergar o fundo das coisas. Não se nega os erros de ninguém, inclusive dos dirigentes, das instituições e, sobretudo, do nosso Museu em questão. E o primeiro deles foi o de ter tolerado ou concordado em que museu se pode dirigir sem recursos".

AJUDA DAS ESCOLAS

Os dirigentes da Escola Beija-Flor de Nilópolis e da Portela — através, respectivamente, de Joãozinho Trinta e Aristóteles Vinicius — prometeram realizar um show, ainda sem data marcada, cuja renda reverterá para a reconstrução do MAM. A promessa foi feita pessoalmente à diretora do Museu Heloisa Lustosa. O show da Beija-Flor será no Maracanzinho e o da Portela na sede de Madureira.

Após o encerramento das atividades, às 18h, os membros do Comitê deram muitos autógrafos e receberam abraços dos presentes.

Mário Pedrosa, Heloisa Lustosa e Bibi Ferreira receberam abraços e manifestações de solidariedade de centenas de pessoas.

Mesmo quando as luzes do Museu se apagaram, o público não se dispersou. Permaneceu ainda durante algum tempo no saguão, onde um grupo de alunos da Academia Capoeira Angola de Mestre Moraes fazia demonstrações, ao som de berimbau, pandeiro, atabaques e agogô.

PREPARATIVOS

Alunos da Escola de Artes Visuais e membros do Comitê Permanente para a Reconstrução do MAM começaram desde a manhã a armar o pequeno palanque com mesas para os oradores: colocaram cadeiras em semicírculo no saguão, instalaram o sistema de som e afixaram faixas nas paredes e colunas do térreo.

Todo o material empregado foi trazido pelos artistas, com exceção de escadas, serrotes e alguns outros objetos. Cerca de cem faixas de morim branco e azul, amarelo e vermelho já haviam sido pintadas durante toda semana passada pelos integrantes do grupo de reconstrução do MAM.

Um grupo de jovens, que confeccionou uma faixa com a inscrição "Movimento Popular pela Reconstrução do MAM", procurou ontem Lygia Pape, um dos membros do Comitê Permanente pela Reconstrução do MAM, para saber porque a faixa foi proibida de ficar, no sagão do Museu, junto com dezenas de outras.

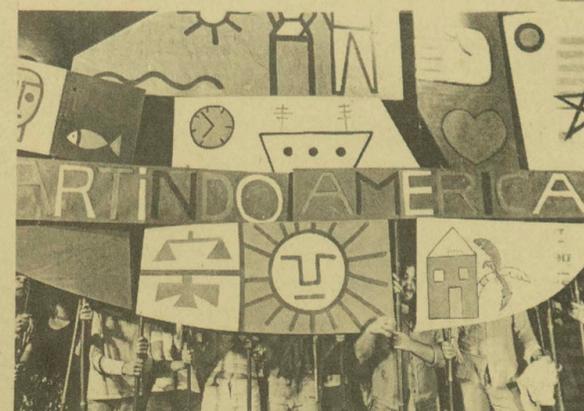
Lygia Pape explicou que só puderam ser colocadas nas colunas ou paredes do Museu aquelas faixas que, submetidas a um prévio exame do Comitê, tivessem sido aprovadas por unanimidade, o que não ocorreu com a faixa elaborada pelo grupo.

Insatisfeito com a resposta, o grupo reclamou que então a tão divulgada manifestação popular "era antipopular" já que o povo não podia participar com uma faixa". Lygia virou as costas e foi embora.

O presidente do Comitê, Mário Pedrosa, informou a respeito que "apesar de não ter tomado conhecimento da faixa, o Comitê aceitou tudo o que veio sem provocação."



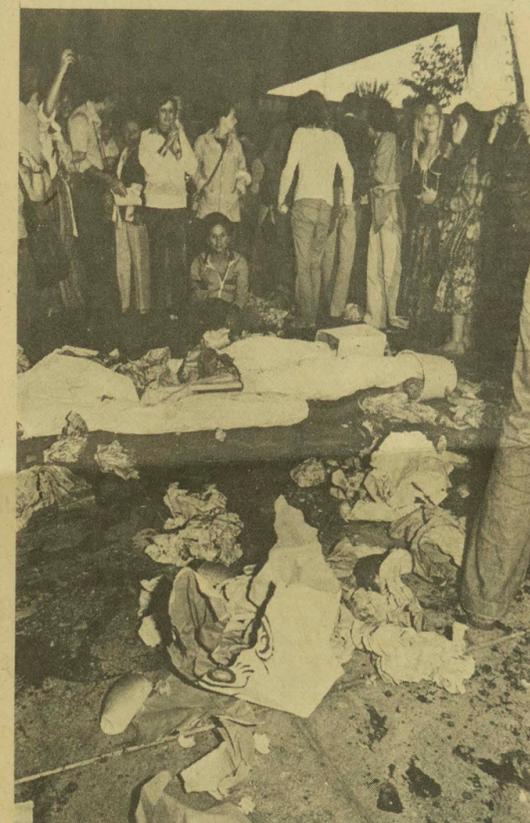
Bibi Ferreira lê o manifesto do "Comitê"



Um grande cartaz reproduz o "Peixe" de Torres-Garcia



A exibição de uma ala de "bairras" da Beija-Flor



Ao fim do "ritual antropofágico", o boneco destruído